

A moral cristã como causa do ressentimento: equívoco de Nietzsche segundo Scheler

Christian morality as a cause of resentment:
a mistake by Nietzsche according to Scheler

Almiro Schulz

Universidade Federal de Goiás

almiroschulz@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/0388519214129360>

Resumo

O texto tem por objeto o estudo e a análise do ressentimento segundo os filósofos Nietzsche e Scheler, procurando mostrar as divergências entre ambos e a crítica que Scheler faz à visão de Nietzsche sobre o ressentimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com base em textos primários como *A genealogia da moral*, de Nietzsche, *Da reviravolta dos valores*, de Scheler, além de textos secundários. Fica evidente que ambos têm entre seus problemas de análise e crítica o ressentimento como objeto e que há aspectos de concordância em relação a esse conceito. Todavia, a base de análise dos filósofos se diverge. Scheler aponta o erro de Nietzsche em considerar a causa do ressentimento como sendo a moral judaico-cristã. Considera um equívoco de Nietzsche o fato de ele tomar o conceito de amor do cristianismo como sendo igual à concepção dos gregos antigos e em considerar o ressentimento fruto da formação de valores do cristianismo. Há entre os dois uma diferença básica sobre o que são valores, para Scheler são objetivos, enquanto para Nietzsche são subjetivos.

Palavras-chave

Scheler; Nietzsche; Ressentimento; Moral cristã; Equívoco.

Abstract

The aim of this text is the study and analysis of resentment according to the philosophers Nietzsche and Scheler, seeking to show the divergences between them and the critique that Scheler makes of Nietzsche's view on resentment. This is a bibliographical study based on primary texts such as *On the genealogy of morals* by Nietzsche and *The overturn of values* by Scheler, in addition to secondary texts. It becomes clear that both have resentment as an object among their problems of analysis and critique, and that there are aspects of agreement in relation to this concept. However, the philosophers have a different base of analysis. Scheler indicates a mistake in Nietzsche upon Nietzsche considering Judeo-Christian ethics as the cause of resentment. He considers that Nietzsche erred upon taking the concept of love in Christianity as equal to the concept of the ancient Greeks and upon considering resentment as the fruit of the formation of values from Christianity. There is a basic difference between the two in regard to what values are; for Scheler, they are objective, while for Nietzsche, they are subjective.

Keywords

Scheler; Nietzsche; Resentment; Christian morality; Mistake.

1. Considerações iniciais

Nietzsche e Scheler são dois pensadores alemães que viveram em uma mesma época – foram contemporâneos por alguns anos. O primeiro veio a falecer em 1900, em razão de sua enfermidade. O segundo vivenciou a Primeira Guerra Mundial e a fase anterior à Segunda Guerra Mundial, falecendo em 1928. Ambos analisaram seu tempo, fizeram críticas e deixaram

contribuições, cada um à sua maneira. Enquanto pensamento e personalidades distintas, convergiam e divergiam.

O pensamento de ambos influenciou a época em que viveram e a posteridade. A obra de Nietzsche, em especial, exerceu influência no século XX. No Brasil, tornou-se mais conhecida sobretudo na academia. A tradução de seus textos e as pesquisas sobre seu pensamento são mais frequentes do que as de Scheler. O pensamento de Scheler é comparativamente menos conhecido e estudado. A maioria de seus textos não se encontra traduzida para o português. No entanto, hoje já se encontram alguns de seus textos traduzidos, tais como: “A reviravolta dos valores” (2012); “Modelos & líderes” (1998); “A posição do homem no cosmos” (2003); “Visão filosófica do mundo” (1986) e recentemente o texto “Do eterno no homem” (2015). Além da tradução dos seus textos, encontram-se uma dezena de artigos publicados; várias pesquisas já foram realizadas, de mestrado e doutorado, sendo uma das primeiras de Carlos Eduardo Meirelles Matheus (1974) defendeu tese de doutorado sobre *A realização histórica dos valores na ética de Max Scheler*; Antônio Rufino Vieira (1978) defendeu dissertação sobre *Antropologia Fenomenológica segundo Max Scheler*; Sérgio Augusto Jardim Volkmer defendeu dissertação em 2006 sob o título: *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*; Luíza Jandira Varela de Araújo, desenvolveu uma dissertação em 2005 sobre *Personalismo ético e trabalho em Max Scheler como fundamentos de uma ética social*. Mais recentemente Emerson Ginetti (2010) defendeu dissertação sobre *A crise dos valores segundo Max Scheler*.

No parecer de Heidegger (Costa, 1982, p. 57), Scheler foi o mais importante pensador alemão de sua época. Atualmente a *Max Scheler Gesellschaft* conta com mais de cem associados de vários países, realizando estudos e publicações. A principal contribuição de Scheler foi no campo da axiologia, mas ele também discutiu e apresentou um projeto voltado ao ensino superior: um modelo de faculdades mais populares (Carvalho; Carvalho apud Araújo, 2011) que pode ser comparado com os cursos atuais de tecnólogos.

Entre os problemas de estudo de Nietzsche e Scheler, a religião cristã foi objeto de análise. No entanto, Nietzsche desenvolveu uma crítica radical ao cristianismo de sua época. Por isso, foi considerado por muitos de ateuista. Scheler voltou-se para uma análise antropológica, aproximando-se no final da sua vida mais ao panteísmo¹ ou gnosticismo², desenvolvendo, sobretudo, uma axiologia da ética, ou seja, uma teoria sobre os valores.

Neste texto objetiva-se apresentar um dos problemas que lhes era comum: o ressentimento. Até certo ponto, os filósofos procuraram libertar a juventude marcada pelo ressentimento da sociedade de seu tempo. Entretanto, Scheler pretendia ainda responder aos equívocos de Nietzsche quanto à causa, às raízes do ressentimento – ponto em que divergiam em análises e interpretações. Nietzsche atribui à moral judaico-cristã a causa do ressentimento. Para Scheler, essa atribuição é fruto de análise equivocada. Ele afirma, então, que Nietzsche estava errado. Scheler atribui a causa do ressentimento não ao cristianismo, mas sim às mudanças de valores e sua inversão causada pela burguesia.

Tem-se então o objetivo, com isso, de apontar a crítica que Scheler faz à análise de Nietzsche, considerada por ele um equívoco, tendo como fonte principal as obras: *Da reviravolta dos valores* (2012), de Scheler, e *A genealogia da moral* (1998), de Nietzsche, bem como *Assim falou Zaratustra* (2011a) e *Para além do bem e do mal* (2011b). No caso de Scheler, acrescenta-se ainda *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik* (1916) e *La essência de la filosofia* (1966), além de textos de comentadores.

¹ Concepção de que tudo é Deus. Ele é imanente em todo cosmos. Nesse sentido, Deus não é pessoal e transcendente.

² Entre sua diversidade de variantes, está a visão de que o conhecimento do divino prevê a salvação pela iluminação e compreensão, pelo conhecimento.

O texto será desenvolvido inicialmente a partir da concepção de ressentimento, posteriormente da atribuição da origem e causa do ressentimento, destacando diferenças e argumentos de Scheler sobre o equívoco de Nietzsche.

2. Concepção sobre ressentimento

Como dito, Nietzsche e Scheler refletem e discutem o ressentimento como fenômeno da sociedade moderna e estabelecem uma relação com os valores a partir dos quais também divergem, como será mostrado mais adiante. Contudo, inicialmente, será apresentada a concepção de ambos sobre o ressentimento.

Nietzsche aborda em *A genealogia da moral* a questão do ressentimento antes que Scheler escrevesse *Da reviravolta dos valores*, em que discute o ressentimento e faz a crítica a Nietzsche.

Em síntese, Nietzsche e Scheler convergem nos aspectos centrais sobre a concepção do que entendem por ressentimento, compreendendo que o ressentimento baseia-se em alguns movimentos internos e afeições como: vingança, ódio, maldade, inveja, cobiça e malícia; sendo que o sentimento e o impulso à vingança são vistos como base primeira para o ressentimento (Scheler, 2012, p. 48).

Scheler inicia sua análise sobre o ressentimento valendo-se do sentido etimológico do termo francês, diz: “Na natural significação da palavra francesa eu encontro dois elementos: primeiramente que, no ressentimento, estabelece-se a repetição, por meio e a partir do viver, de uma determinada reação de resposta emocional contra o outro” (Scheler, 2012, p. 45).

Mas Scheler também tem como fonte o próprio texto de Nietzsche, *A genealogia da moral*, a partir do qual tece considerações sobre vários aspectos do ressentimento, apontando concordância quanto ao fenômeno em si: como vingança, inveja, ódio etc., como já dito.

Há, no entanto, uma diferença na concepção de ambos. Nietzsche afirma que o ressentimento é uma atitude ressentida de um homem débil e vê o cristianismo como a forma de ressentimento, como se cristianismo e ressentimento fossem uma e a mesma coisa. Para Scheler, isso é a negação dos valores pela sua inversão, tomar o negativo como positivo, cuja origem não está no cristianismo.

Pode-se considerar que a diferença de concepção em relação ao ressentimento entre os autores se dá a partir de uma axiologia, da concepção do que são valores. Há, assim, uma mudança de orientação e definição do que são valores e, com isso, uma diferença em relação à interpretação do ressentimento.

3. Equívoco de Nietzsche segundo Scheler

Primeiramente é preciso reafirmar que, para Scheler, existe um equívoco na análise que Nietzsche faz sobre o ressentimento. Em *A reviravolta dos valores*, por algumas vezes, o autor indica isso, por exemplo, quando diz:

A razão disto já foi apresentada; por um lado, no desconhecimento da essência da moral cristã, e especialmente da ideia de amor cristão. Este desconhecimento, em ligação com um critério valorativo em si falso, junto ao que Nietzsche a coloca, faz com que ele cometa não um erro histórico ou religioso, mas um erro filosófico (Scheler, 2012, p. 112).

Tem-se, então, uma afirmação que Nietzsche está equivocado. Sua análise tem como base um sofisma, toma como referência o conceito de amor, identificando-o com o amor dos gregos cujas concepções são diferentes. Em outro momento, Scheler (2012, p. 114) aponta ainda que:

Nietzsche enxerga de início no cristianismo apenas uma moral com justificação religiosa, e não uma religião em primeiro lugar, ele mede concomitantemente os valores cristãos desde o critério do máximo propiciamento da vida; sendo que este critério ele nega aos mesmos conscientemente [...]. Este procedimento, porém, é arbitrário, bem como falso em sua fundamentação, além de ser digno de uma refutação severa [...]; [...] O erro, a confusão de Nietzsche se manifesta ainda de outras formas.

Os erros da análise de Nietzsche, segundo Scheler, podem ser identificados por dois aspectos principais: 1) por considerar a raiz do ressentimento como tendo sua origem na moral cristã a partir do conceito de amor e 2) por sua concepção subjetiva de valores a partir da criação e desenvolvimento dos valores, em especial no caso do cristianismo.

No primeiro aspecto, segundo Scheler, há uma diferença do conceito de amor da filosofia grega tomada como referência por Nietzsche que o identifica ao amor cristão. Diz: “Friedrich Nietzsche aponta a ideia do amor cristão como a florescência mais sutil do ressentimento [...] Eu o acentuo tão mais intensamente, exatamente porque eu o tomo, em última análise, por completamente falso” (Scheler, 2012, p. 89). Nietzsche (2011, p. 59), em relação ao amor ao próximo, afirma: “Vós vos amontais junto ao próximo e tendes belas palavras para isso. Mas eu vos digo: vosso amor ao próximo é vosso mau amor por vós mesmos. Fugis de vós mesmos em direção ao próximo, e desejaríeis fazer isso uma virtude: mas eu enxergo através de vosso desinteresse”.

Nietzsche tem como pressuposto que os valores e a moral cristã têm como princípio o “negar-se a si”, um fator psíquico emocional doentio. Scheler procura mostrar que Nietzsche não considerou a concepção de amor dos antigos poetas e filósofos gregos para os quais o amor, em seus diferentes tipos, conforme mostrado por Platão em *O banquete*, é pertencente à esfera sensível numa forma de desejo e de carência que não pode ser atribuída a um Ser mais pleno – Deus. A respeito da concepção antiga desse amor, Scheler (2012, p. 90) diz que: “Todos os pensadores, poetas e moralistas antigos estão de acordo no que concerne ao fato de que o amor é uma aspiração, uma tendência do baixo para o alto, do menos plenificado ao mais plenificado, do não conformado ao conformado [...]”.

Nesse sentido, o amor é um movimento de ascensão, um princípio dinâmico e articulador. Ao confrontar a concepção cristã ao amor dos antigos poetas e filósofos gregos, diz que ocorre um movimento inverso do amor (Scheler, 2012, p. 91) em que o mais alto se inclina para o mais baixo: “Deus desceu espontaneamente aos homens e tornou-se um servo, morrendo na cruz a morte do pior dos servos”. O autor destaca ainda que “o próprio amor é a melhor de todas as coisas boas! Não uma coisa de valor, mas um ato de valor” (Scheler, 2012, p. 92). Nesse sentido, a essência do amor cristão é servir e deixar-se cair. Assim, aquilo que caracteriza o ressentimento não pode ser atribuído ao amor. Lembra Scheler (2012, p. 94) que “Quanto mais reflito profundamente acerca desta pergunta, tanto mais claro me aparece que a raiz do amor cristão está completamente livre do ressentimento”.

O conceito de amor dos antigos gregos pode ser classificado em dois níveis: *Eros* apresentado, sobretudo em *O banquete*, marcado pelo ciúme, e *Filia* marcado principalmente pelo interesse, desenvolvido principalmente por Aristóteles que o apresenta em três espécies: por conta da utilidade, por causa do prazer e no sentido de virtude, amizade perfeita. Já o amor na concepção cristã é o *Ágape*, é doação, não surge dos homens, é uma dádiva, um dom de Deus como o mais alto dos sacrifícios. Nietzsche, no entanto, equiparou o amor cristão ao *Éros* dos gregos e, nesse sentido, erra em sua análise sobre a raiz do ressentimento.

Cabanas (1998, p. 15) também afirma que Nietzsche considera o amor cristão como raiz do ressentimento: “Para Nietzsche la caridade Cristiana es la más fina flor del resentimiento” e concorda também com o fato de Scheler refutar essa análise.

O segundo aspecto que aponta o equívoco da análise de Nietzsche consiste em atribuir a origem e o desenvolvimento do ressentimento aos valores cristãos. Scheler e Nietzsche, como já mencionado, relacionam o ressentimento aos valores, mas de forma inversa. Para Nietzsche, o ressentimento surge e se desenvolve com a criação de novos valores a partir do estado de fraqueza e de vingança dos cristãos. Para ele, isso decorre de valores estabelecidos pelo homem reativo em decorrência de sua vida submissa, reprimida. É a negação ou desprezo pela vida e pelo corpo. Marton (1993) pontua que, para Nietzsche:

Assim o homem do ressentimento traveste sua impotência em bondade, a baixaza temerosa em humildade, a submissão aos que odeia em obediência, a covardia em paciência, o não poder vingar-se em não querer vingar-se e até perdoar, a própria miséria em aprendizagem para a beatitude, o desejo de represália em triunfo da justiça de Deus sobre os ímpios (Marton, 1993, p. 55).

Entretanto, para Scheler (2012) o ressentimento decorre da inversão dos valores, sobretudo pela burguesia, quando afirma:

Nós acreditamos que, em verdade, os valores cristãos são extremamente fáceis, no que concerne ao receber uma nova significação em valores ressentidos e foram também assim, de modo extraordinariamente intenso, apreendidos; mas que, porém, o cerne da ética cristã não cresceu sobre o solo do ressentimento. Contudo, nós acreditamos, por outro lado, que o cerne da moral burguesa, o qual os cristãos começaram a remir sempre mais intensamente desde o século XIII, até executarem na Revolução Francesa sua efetivação mais elevada, tem sua raiz no ressentimento (Scheler, 2012, p. 88-89).

Segundo Scheler, o cristianismo no decorrer do tempo assumiu os valores da burguesia e os tomou como seu, contribuindo assim para a formação do homem ressentido sem muita dificuldade, deixando se influenciar e influenciando, ao mesmo tempo, na inversão de valores.

É preciso, no entanto, considerar que existe uma diferença fundamental na visão dos autores sobre o que é valor, sobre o conceito de valor. É preciso mostrar essa diferença básica para compreender porque Scheler considera que Nietzsche está equivocado.

Nietzsche trabalha a questão da noção de valor a partir de *Assim falou Zaratustra*. Segundo Marton (1993, p. 50), Nietzsche expõe a questão do valor dos valores e levanta a pergunta sobre a sua origem, o que pressupõe o conhecimento sobre em que circunstâncias e a partir de que valor essa questão foi criada, e como se deu seu desenvolvimento e sua modificação; abordagem que se encontra, sobretudo em *A genealogia da moral*. Nietzsche, portanto, advoga uma visão subjetivista dos valores a partir da concepção de bom e de mau, sendo que, para o ressentido cristão, mau é o forte e bom o fraco. Nietzsche desenvolveu uma análise psicológica como mecanismo de defesa, como reação. Cabanas (1998, p. 15) lembra que, de acordo Nietzsche, “Las virtudes tipicamente cristianas (humildad, piedad, perdón de las injurias, amor a los enemigos) provienen del resentimiento que tienen los ombres débiles, incapaces de defenderse y de imponerse [...]”.

Segundo essa concepção, todos os valores sempre são criados. Para Nietzsche, então, a raiz do ressentimento se encontra na elaboração e vivência dos valores do cristianismo, na negação dos valores da vida e no desenvolvimento de valores antevista manifestados pelo ressentimento.

Para Scheler, todavia, a raiz do ressentimento não está na origem dos valores do cristianismo, antes na inversão dos valores, principalmente a partir do desenvolvimento da burguesia. Nela está a causa do ressentimento. Scheler é considerado um dos principais representantes da visão axiológica objetivista. Para ele, os valores não são criados, eles têm existência objetiva. O autor advoga uma visão hierárquica dos valores. Assim o que ocorre é uma inversão, o ressentimento é a negação dos valores pela inversão e não pela criação.

Uma das questões fundamentais na diferença entre Nietzsche e Scheler pode ser atribuída ao conceito do bem e do mal. Para o primeiro, como lembra Costa (1982, p. 58), Nietzsche [...] “reduz o Bem e o Mal à dimensão do homem que os cria a partir de determinados mecanismos que a psicologia pode detectar, descrever e explicar”. Scheler diz que essa abordagem, embora válida, é insuficiente, pois explica a conduta moral, mas não soluciona o problema fundamental e específico da ética. Para ele, esse problema é um problema filosófico. Nesse sentido, Scheler aponta para uma crise de valores éticos cujo ressentimento é o principal sintoma. Segundo Ginetti (2010, p. 15), Scheler defende que “os valores não pertencem ao domínio do pensamento, nem são captados por uma intuição racional. O mundo dos valores possui uma objetividade igual a das essências e é, como elas, um *a priori* material, suscetível de apreensão, relações e conexões”.

Scheler faz uma distinção entre moral e valores: “Logo, por moral nós entendemos as regras de preferência dominantes em épocas e povos mesmos – não há aproximação levado a cabo em sua representação, sistematização” (Scheler, 2012, p. 88).

Scheler e Nietzsche, portanto, como já dito, relacionam o ressentimento aos valores, porém é preciso lembrar que as concepções sobre valores divergem entre eles. Para Nietzsche, os valores são construções, elaborações. O autor tem uma visão subjetivista dos valores. Scheler é um dos principais representantes da visão axiológica objetivista, como já foi afirmado.

Para compreender a crítica que faz à visão de Nietzsche quanto à atribuição da origem e desenvolvimento do ressentimento aos valores do cristianismo, é importante lembrar que há uma questão maior subjacente, criada no sentido de tentar superar ou encontrar uma solução ao problema do subjetivismo e do objetivismo absoluto ético: de um lado a crítica ao formalismo ético de Kant; de outro, em caso específico, o subjetivismo nietzschiano. Não há espaço para detalhar todos os passos da análise de Scheler, mas ele procura mostrar os limites tanto do objetivismo ético quanto do subjetivismo, indicando uma terceira via: a ética material. Com isso, assegura a objetividade, a universalidade dos valores e aponta a relatividade histórica, ou seja, a mutabilidade moral. Faz isso, então, numa perspectiva ou visão sobre a história, ou seja, analisa o problema do valor no âmbito da historicidade. Ginetti (2010, p. 29) lembra que Scheler “se propõe fundar uma nova universalidade ética, capaz de conter uma compreensão de sua historicidade e de atribuir um significado à própria história”.

No caso do relativismo, subjetivismo, o absoluto é a história e o relativo são os valores ou a ética por serem gerados pelas variações ocorridas no decorrer da história, enquanto que o absolutismo ético atribuído a Kant considera os imperativos categóricos *a priori*. Scheler pretendia desse modo, encontrar uma alternativa para esse impasse diante das transformações históricas, desenvolvendo sua teoria de valores, fazendo isso por meio das relações entre a historicidade da existência e a natureza das valorações humanas (Ginetti, 2010, p. 36). Segundo o relativismo e o subjetivismo, a história altera as valorações, assim não se pode crer no valor como *a priori*. Ginetti (2010, p. 42) lembra que:

Para Scheler há uma universalidade e há uma historicidade. Contudo, a universalidade encontrada pela ética de Scheler não se opõe à historicidade, nem desta provém, e nem tampouco a exclui. A universalidade ética de Scheler está implícita na historicidade e, com esta, forma um conjunto harmônico e unitário, apesar de evolutivo. A universalidade da ética de Scheler não é causa nem produto da historicidade e sim a historicidade é a reveladora de uma universalidade que procura dentro de si mesma.

Segundo Scheler o conceito de *ethos*, que é histórico, que não é sempre o mesmo, mas varia, tem mutação histórica. Em decorrência disso, gera normas variáveis, ou seja, morais diversas. O que varia é o *ethos* em razão das formas de captar o valor, ponto central das variações éticas através da história. Nessa visão, o autor entende que o relativo está relacionado às valorações que se vinculam aos bens valorados nos atos, nas normas, no querer, na conduta e no dever; enquanto o absoluto se encontra no valor e em sua hierarquia. É a partir do conceito da hierarquia que se vê a inversão dos valores, entre os mais altos e os mais baixos, instaurando-se a crise e o ressentimento, divergindo-se de Nietzsche.

A hierarquia dos valores é *a priori*, independe de sua realização, todos os valores são positivos e possuem correlato negativo, o que Scheler chama de polaridade dos valores como bem-mau, belo-feito, justo-injusto etc. Essa hierarquia, superioridade ou inferioridade, pode ser determinada pela durabilidade, divisibilidade, fundação, profundidade da satisfação e relatividade. Scheler estabelece essa hierarquia numa ordem de importância, numa ordem crescente: valores sensórios (alegria-tristeza, prazer-dor), valores da civilização (útil-danoso), valores nobres, valores culturais ou espirituais – estéticos, éticos, especulativos, religiosos etc. (Ginetti, 2010, p. 67).

É preciso ainda complementar que há um erro de interpretação do ensino básico que fundamenta a visão de mundo, dos valores do cristianismo em suas origens, retratada no que se considera ou denomina Sermão do Monte, no qual se encontram os ensinamentos básicos do cristianismo deixados por Cristo e relatados pelo discípulo Mateus. Segundo Nietzsche, o cristianismo acabou desenvolvendo valores antevistos, mas não é isso que indica o “sermão do monte”, não estão nos ensinamentos de Cristo. Contrariamente a isso, Cristo resgata o sentido da vida apontando para a realização plena da humanidade, viver à margem desses ensinamentos é uma opção contra a vida. Cristo por meio do que ensina quer fazer entender a vida a partir de novos prismas, valores, princípios e virtudes no sentido humano pleno para o qual todos foram criados. Como diz Queiroz (2006, p. 18), ensinamentos “criados para a vocação de ser gente” como redescoberta da vocação humana fundamentada na sensibilidade, na justiça, na misericórdia, na paz e na mansidão não cultivada pelos desumanos. O Sermão do Monte não é uma negação da vida, mas sim sua afirmação.

Se Nietzsche considera que a causa do ressentimento se encontra na moral judaico-cristã e é preciso gerar novos valores, por sua vez, Scheler aponta para a análise equivocada de Nietzsche e atribui a causa à inversão de valores, principalmente pela burguesia, como já afirmado, e é preciso uma reviravolta hierárquica dos valores e superar o ressentimento. Quais os caminhos e de que forma isso se tornaria possível na visão de ambos? Responder essa questão demanda dispor de espaço, no entanto, quer-se ao menos fazer uma ligeira consideração sobre isso.

Segundo o que pode ser apreendido dos textos de Nietzsche, a superação do ressentimento só é possível através do “gênio” filósofo. Para tanto, é preciso entender que quem ele considera por filósofo não são os filósofos profissionais de seu tempo, a não ser Schopenhauer. Em *Além do bem e do mal*, ele pergunta “para onde deveríamos dirigir nossa esperança?” e responde: “Devemos nos dirigir para os precursores, para os homens do futuro, os quais presentemente devem formar o núcleo para forçar a vontade de milhares de anos a entrar em novos caminhos. Ensinar ao homem que seu futuro é sua vontade” (Nietzsche, 2001, p. 115).

Há duas coisas importantes nesse processo. De um lado, o papel do “novo filósofo”, o “gênio” que exerce a crítica e o ensino. De outro lado, é uma questão de vontade, de subjetividade e criatividade pelo processo da metamorfose, mas que depende de despertar, acordar a vontade do humano que está adormecida.

Scheler afirma que o processo é mais complexo de ser entendido e demonstrado. A causa não se centra na vontade, na mera subjetividade, mas na redescoberta dos valores mais altos por meio da experiência cognoscitiva, por meio de uma experiência fenomenológica. No entanto, também fala dos “gênios” que são como modelos a serem seguidos. O processo é um seguimento de modelos que vivenciam os valores mais altos, em que o amor tem um papel fundamental, pois “o que nos torna humanos não está em nossa mente, mas em nosso coração, não a nossa capacidade de pensar, mas a nossa capacidade de amar” (Kivitz, 2012). Wojtyła (1993) considera que:

Scheler busca os caminhos que conduzem ao valor mais lato da pessoa. Reconhece que o caminho mais adequado é o seguimento de um modelo pessoal, isto é de uma pessoa altamente dotada de valores [...]. Tal é a doutrina de Scheler sobre o seguimento do modelo pessoal. A força de atração do modelo apresenta-se como moralmente criativa: alguém tem um modelo – afirma Scheler – aspira a assemelhar-se a ele. Muito consciente da grande importância sócio-educativa dos modelos, Scheler desenvolve pormenorizadamente a problemática da exemplaridade, bem como toda tipologia dos modelos pessoais, na obra *Vorbilder und Führer* (Wojtyła, 1993, p. 56).

Nesse sentido, Scheler considera que Jesus Cristo foi um dos modelos que representou os valores mais altos e toda mudança em relação a eles, seja em escala para baixo seja para cima, ocorre pelo processo de “seguimento” a modelos, pelo ideal ético e princípio do seguimento, que, por sua vez, depende do amor da pessoa, pois o amor é a origem essencial da percepção afetivo-cognoscitiva dos valores (Wojtyła, 1993, p. 59). Assim, a superação do ressentimento só se dará num processo em que se supere uma ética com base em valores utilitaristas, promovendo uma ética voltada a valores da escala superior a partir de modelos que representam esses valores e os quais se tornem amáveis. Há aqui uma divergência entre ambos, pois, segundo Nietzsche, o amor é impedimento às mudanças, ele faz parte exatamente da classe ressentida, é preciso valorizar a luta para que surja o super-homem. Para Scheler não é por meio do surgimento do super-homem, esta é uma concepção naturalista de Nietzsche, vinculado aos valores vitais, mais baixos. Ele apresenta outra concepção na sua antropologia filosófica, principalmente no seu texto a “Condição do homem no cosmos” (2003), bem como no seu texto “Visão filosófica do mundo” (1986), onde diz:

[...] ele é qualitativamente algo mais do que um animal, este homem não é um ser em repouso, não é um fato dado, mas é somente uma possível direção de processo e ao mesmo tempo uma tarefa eterna para o ser natural homem, um objetivo eternamente resplandecente. Sim, não existe neste sentido homem algum enquanto objeto – nem mesmo só enquanto objeto relativamente constante –, mas existe apenas uma eterna humanização possível que deve realizar-se livremente a qualquer instante, um tornar-se homem que não repousa nem no tempo histórico – frequentemente com enorme retrocesso à relativa animalidade (Scheler, 1986, p. 33).

Para Scheler o processo da superação do ressentimento se dá por meio da reviravolta dos valores, que é um processo de humanização, contínuo, um fazer-se e refazer-se. Aqui também se estabelece uma diferenciação em relação à visão de Kant, para o qual o processo era contínuo, em que via um progresso entre uma geração à outra. Argumenta que:

O século XVIII, incluindo Kant, cometeu também o erro de não perceber o verdadeiro crescimento histórico e comunitário do próprio espírito, das suas formas de pensar, intuir, valorar, de preferir um valor ao outro, amar etc., chamadas de apriorísticas da linguagem filosófica; cometeu o erro de supor uma constância histórica das formas da razão e o erro de conhecer somente um acúmulo de realizações históricas, de bens, de obras, sobre quais cada geração se ergueria como sobre uma montanha. Há contudo um crescimento espiritual – e

certamente também um declínio do espírito – independente das mudanças biológicas e nervosas do homem (Scheler, 1986, p. 44).

Para Scheler, então o processo pode ser um retrocesso, uma deshumanização, o que representa o ressentimento. Como dito, esse processo se dá a partir da valoração, da inversão dos valores, entre a escala hierárquica, por isso a reviravolta dos valores. Diz: “O sempre novo e crescente tornar-se-homem neste sentido exato, a humanização, que é ao mesmo tempo autodeificação e co-realização da ideia da divindade” [...] (1986, p. 39). Humanização segundo ele é cultura, ou seja, educação para a cultura espiritual, como aponta:

A cultura não aprendizagem para algo, para uma profissão, uma especialidade, uma realização qualquer; nem a cultura existe em vista de uma tal aprendizagem. Mas toda aprendizagem para algo existe em vista da cultura que carece de qualquer objeto externo – em vista do próprio homem na sua forma perfeita (Scheler, 1986, p. 39).

Segundo ele essa cultura não é qualquer cultura, mas a que chama de cultura espiritual, ou seja o saber cultural, diz ele:

O saber cultural é um saber da essência, adquirido e assimilado de um só ou de uns poucos exemplares bons e expressivos de uma coisa, saber que se tornou a forma e a regra de conceituação, a categoria de todos os fatos contingentes da experiência futura da mesma essência (Scheler, 1986, p. 46).

O homem é um ser especial em meio a as criaturas vivas, não pode ser reduzido à natureza física, supera-a enquanto um ser existencial, cuja essência é espiritual, um microcosmos, como denomina. Assim, pois Scheler com base na sua visão antropológica diverge e questiona Nietzsche sobre a origem do ressentimento.

4. Considerações finais

Como foi visto, segundo Scheler e Nietzsche o ressentimento teve uma dimensão ativa na sociedade de seu tempo, cujos valores e relações se pautam por ressentimento ou por criação, ou mesmo por inversão dos valores. Há de se considerar que esse comportamento pode manifestar-se em qualquer época, tanto numa relação pessoal quanto interpessoal ou social.

Se Scheler está correto em sua análise, a sociedade está inapta a captar e aplicar os valores mais altos, vivendo a crise de valores contaminada pelo ressentimento. Para ele, o ressentimento encontra espaço em uma sociedade onde impera o relativismo e o subjetivismo, os valores, portanto, são vistos como subjetivos e relativos, pois só refletem nossos sentimentos e desejos. Para que se atinjam os valores mais altos é preciso percepção afetiva dos valores *a priori*. Outrossim, se a pós-modernidade se caracteriza pelo útil, pelo imediatismo, ela se identifica com o ressentimento.

Considera-se que é pertinente e relevante a retomada da axiologia, pensar sobre o lugar que os valores ocupam em nossas reflexões, pois todos falam deles, mas nem sempre se tem clareza desse falar, do significado de nossas ações e relações com a valoração.

Esses dois autores, principal objeto do texto com foco no ressentimento, podem nos servir de referência para mover nosso pensamento. Nem tudo foi aqui apontado e desenvolvido, sobretudo a visão de Scheler entre valores e processo histórico. Cabe, então, continuar a busca de compreender sua teoria sobre os valores e socializá-la.

Referências

- ARAUJO, José Carlos Souza (Org). *A universidade Iluminista (1798-1921): de Kant a Max Scheler*. Brasília: Liber Livro, 2011.
- CABANAS, José Maria Quintanta. *Pedagogia axiológica: la educación ante los valores*. Madrid: Dykinson, 1998.
- COSTA, J. Silveira da. O método fenomenológico na ética de Max Scheler. *Reflexão*, n. 24, p. 57-66, 1982.
- GINETTI, Emerson. *A crise dos valores éticos segundo Max Scheler*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.
- MATHEUS, Carlos Eduardo Meirelle. *A realização histórica dos valores na ética de Max Scheler*. 1974. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (2011a)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2011. (2011b)
- QUEIROZ, Carlos. *Ser é o bastante: felicidade à luz do sermão do monte*. Curitiba; Viçosa: Ultimato; Encontro, 2006.
- SCHELER, Max. *Da viravolta dos valores*. Tradução Marco Antônio dos Santos Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHELER, Max. *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*. Halle: Verlag von Max Niermeyer, 1916
- SCHELER, Max. *La esencia de la filosofía e la condición moral del conocer filosófico*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1966.
- SCHELER, Max. *Visão filosófica do mundo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- VIEIRA, Antonio. *Antropologia fenomenológica Segundo Max Scheler*. 1978. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.
- WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Tradução Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.